

“PARA QUE MARTE NÃO AFUGENTE AS MUSAS”. A POLÍTICA CULTURAL ALEMÃ EM PORTUGAL E O INTERCÂMBIO ACADÊMICO (1933-1945)

Cláudia Sofia Ninhos da Fonseca

Prémio Victor de Sá de História Contemporânea - 2017*

Na dissertação apresentada à FCSH e defendida em provas públicas em Junho de 2016, procurámos analisar as relações entre o Estado Novo e o Nacional-Socialismo, centrando a nossa atenção nos intercâmbios e transferências culturais e académicas, com base numa abordagem transnacional.

Um das principais teses que defendemos é que a diplomacia nazi em Portugal procurou instrumentalizar o prestígio que a ciência e a cultura alemãs há muito gozavam entre os meios intelectuais e académicos nacionais. A segunda diz respeito ao papel central que o ministro da Alemanha em Lisboa, Oswald von Hoyningen-Huene, teve na aproximação do Portugal salazarista à Alemanha nazi, e que coincidiu com o período de maior radicalização do regime português, que atingiu o auge com a eclosão de uma guerra civil em Espanha, em 1936. Numa conjuntura marcada pela agitação da bandeira anti-bolchevique, a

* Discurso de apresentação da obra, proferido na sessão realizada no dia 13 de Dezembro de 2017, no Salão Nobre da Universidade do Minho.

proximidade ideológica dos dois regimes tornou-se ainda mais óbvia, ao mesmo tempo que o país se distanciava da Grã-Bretanha. Foram os anos da propaganda mais vistosa, das visitas da Juventude Hitleriana e da KdF a Portugal, acompanhadas de uma intensificação da propaganda cultural, que obrigará os ingleses a responder.

Huene, representante diplomático da Alemanha em Portugal entre 1934 e 1944, conseguiu, por um lado, demonstrar junto do *Auswärtiges Amt* que Portugal era importante na geopolítica europeia e mundial - sobretudo por causa das suas colónias - e que, por isso, deveriam intensificar as relações com este país. Conseguiu, por outro lado, conquistar a admiração e a confiança inequívoca do ditador português. Ao longo dos quase dez anos em que permaneceu em Portugal, a sua agenda político-diplomática esteve sempre muito centrada nas elites, que pretendia ver rendidas à suposta superioridade cultural alemã, condição que conduziria à aceitação do regime nazi. Por isso, trabalhou intensamente junto dos meios científicos e académicos portugueses, até porque os docentes universitários lhe davam acesso a um “público” mais amplo, uma vez que exerciam um ascendente muito grande sobre os alunos, acabando por funcionar como um fator “multiplicador” da influência alemã. Tratava-se, portanto, de um plano a executar em longa duração, que conduziria à construção de uma elite germanófona e germanófila.

Sendo os jovens e as elites académicas um dos mais importantes focos da política externa alemã, uma das principais formas de fomentar a aproximação passou, naturalmente, pela promoção do ensino do alemão, que queriam impor como língua obrigatória nas escolas portuguesas, e que levou à criação de leitorados da Academia Alemã, ao reforço do Grémio Luso-Alemão ou à intensificação das atividades do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. O papel desempenhado por este último foi, na verdade, essencial para a política cultural alemã em Portugal, até porque era em Coimbra que se localizava a mais importante universidade do país. Os diplomatas alemães desde cedo reconheceram esta proeminência e deram todo o seu apoio à instituição, deslocando-se em diversas ocasiões à Universidade para participarem nas suas atividades. Era o mais importante centro de informações sobre

a Alemanha em Portugal, e até mesmo sobre o Nacional-Socialismo. Na década de 1930 voltou a publicar o seu Boletim, organizou exposições e representações, deu à estampa vários livros e ensinava o idioma alemão. Para a própria Legação, os seus leitores – Joseph Piel e, sobretudo, Albin Beau - desempenharam um papel relevante na transmissão de informações sobre o país e na difusão da cultura alemã em Portugal. Beau, em Coimbra, e Johannes Roth, em Lisboa, foram as figuras que mais auxiliaram Hune na condução da sua estratégia.

Para além do ensino do alemão, outro dos aspetos relevantes foram as viagens de portugueses à Alemanha e de alemães a Portugal, quer fossem dirigentes de organizações estatais, jornalistas, cientistas ou bolseiros. Estes périplos transformaram-se num dos melhores meios de doutrinação, sendo preparados ao pormenor de maneira a criar uma impressão positiva sobre a Alemanha nazi. No âmbito da propaganda cultural, as repetidas visitas dos navios da KdF e dos próprios navios de guerra - símbolos do poderio naval alemão - foram outro elemento fundamental já que permitiram uma aproximação “informal”, dando aos representantes do Reich, em especial a Huene, a possibilidade de sublinhar, publicamente, a amizade e a proximidade ideológica entre a Alemanha e Portugal. Estas demonstrações da amizade luso-alemã mais exuberantes foram, no entanto, progressivamente silenciadas com o início da guerra e a intransigência de Salazar em manter a neutralidade, ao contrário do intercâmbio cultural e académico que esteve assegurado até ao final do conflito, o que permitiu que os alemães continuassem a participar nos congressos portugueses, a realizar conferências nas universidades nacionais ou a organizar exposições, que eram amplamente noticiadas na imprensa.

Os fenómenos de intercâmbio e de transferência estiveram muito ligados às ambições políticas do país. Através da difusão dos seus “produtos” culturais e científicos, procurava fomentar a compreensão pelo seu regime e pelas suas políticas, divulgando os seus cientistas, os seus laboratórios e institutos, as suas revistas, a sua arte e até o seu próprio idioma. Todas as atividades promovidas, as visitas ao Reich, as conferências, as exposições, as receções, o intercâmbio juvenil e académico, na década de 30 e 40, visavam promover a imagem do regime nacional-socialista

junto das elites portuguesas e, por intermédio delas, influenciar a própria orientação diplomática do governo de Salazar. Através da sedução, conseguida pela cultura e pela ciência, aspirava ainda a que o seu programa expansionista a imperialista fosse encarado como legítimo, sobretudo à medida que este se radicalizava e era alvo de uma crescente contestação nas chancelarias europeias. Esta estratégia ajuda a compreender por que motivo, no relacionamento luso-alemão, as “Musas” - isto é, a cultura e a ciência, que não foram neutras e muito menos apolíticas - ajudaram a “afugentar”, ou pelo menos a atenuar, o fantasma de uma Alemanha bélica e imperialista (simbolizada, nas Notícias Culturais que a Legação Alemã publicou, na figura de “Marte”) até 1945.

Não é por acaso que, em 1937, propôs ao *Auswärtiges Amt* a assinatura de um Acordo Cultural com Portugal, que visava a expansão da cultura alemã em Portugal e a promoção das relações culturais. Como Marcelo Caetano muito bem compreendeu e escreveu num parecer redigido na qualidade vogal da direção do IAC, ao reconhecer a ascendência cultural da Alemanha, o país tornava-se permeável à sua influência, que passava a ser aceite e bem recebida. Rapidamente a admiração e o respeito pela cultura e a ciência alemãs se transformariam em influência. E a influência que a Alemanha poderia exercer em Portugal angustiava alguns dirigentes portugueses. Angustiava-os, por exemplo, a possibilidade de difusão da língua portuguesa na Alemanha, uma vez que visava o fortalecimento das relações comerciais da Alemanha com o Brasil e com as colónias portuguesas. O que de facto temiam não era a penetração económica alemã em Portugal continental, mas sim que a Alemanha procurasse impor-se no espaço de língua portuguesa, utilizando o país como ponte de acesso ao Brasil e às colónias, nomeadamente a Angola e a Moçambique. É que as colónias, na verdade, foram sempre um fator de dissensão nas relações luso-alemãs.